

TÓDA hora um amigo me pergunta o que eu achei mesmo no duro dos Estados Unidos, se o americano ou a americana é assim ou assado... Ora, eu passei apenas 40 dias nos Estados Unidos, sempre em Nova York, menos um fim de semana em Washington. Andei a maior parte desse tempo preocupado com meu serviço imediato de repórter, lendo exclusivamente jornais, revistas e meia dúzia de livros sobre política; morando num hotel e só duas vezes, ocasionalmente, jantando em casa de família americana; falando um inglês penoso e miserável que só nos últimos dias ameaçava desasnar — e me pedem para dizer como é, no fundo, o americano!

Uma pergunta que me fazem a todo momento é: se o americano tem muito medo da guerra. Não examinei a alma dos norte-americanos, mas suponho que tanto eles como os russos como os capixabas só podem ter medo da guerra. «Mas é verdade que eles só pensam nisso?». Oh, não. Nenhum povo consegue só pensar no que pode acontecer; as coisas que estão acontecendo ocupam demais as pessoas e o gosto pela normalidade, a força de gravidade do cotidiano, tudo isso conta. Suponho que um bom número de cidadãos norte-americanos esteja neste momento debatendo em família ou com amigos problemas tais como a marca do carro 1957 que se deve comprar, ou se vale a pena encostar o aparelho de televisão do ano passado e adquirir uma televisão a cores, ou se é mais negócio dar entrada para um apartamento ou gastar aquele dinheirinho numa boa temporada de férias na Flórida, durante este inverno.

Mas, e Nova York? Respondo que Nova York é a cidade mais conhecida no mundo, qualquer pessoa já viu quinhentas vezes no cinema; e a Nova York de verdade é muito parecida com a do cinema, inclusive todo mundo (menos uma parte da delegação brasileira) fala inglês e (inclusive aquela parte) ganha em dólar. Que surpresa tive? Ah, sim, muitos pombos, não apenas uma praça com pombos, mas pombos por toda parte; em qualquer calçada a gente andando distraído corre o risco de atropelar um pombo. E quando abri a janela do meu quarto apareceram, com o ruído, uns vinte pombos que ficaram por ali na expectativa. Lancei-lhes miolo de pão, apareceram logo mais trinta, quarenta. E também em qualquer lugar onde haja árvores é possível ver um esquilo solto, mansinho, que muito agradecerá se você lhe der uma noz. Isso é simpático. Antipática é uma fumacinha que sai do meio da rua, parece que a gente está andando em cima de um inferno. Devia haver um meio de absorver essa fumaça que vem sujar ainda mais o ar já cheio de fuligem que deixa o visitante por três dias com os olhos a arder. Antipática é a mania em alguns balcões de bar de fazer com que a gente pague cada vez que recebe uma dose; mas como supor que o americano é de má fé quando há muitos outros lugares em que o sujeito deve pagar à saída, na caixa, sem nenhum controle, quando um cheque no «guichet» de um banco é pago imediatamente sem qualquer verificação? A comida comum americana é sem graça para um brasileiro, mas há milhares de restaurantes italianos, espanhóis, franceses, húngaros, chineses — você come o que quiser. E aquela comida de cafeteria ou automático ou «drug-store» tem a vantagem de ser limpa, honesta, sadia: a manteiga é manteiga, o leite é leite, o pão é de trigo, a torneira tem água, a água da torneira é limpa, o suco de laranja é suco de laranja, o uísque escocês é escocês e é uísque — uma série de coincidências felizes!

Só achei meio exagerado toda vez que a gente vai sair de um elevador ou descer ou subir qualquer degrau alguém avisar — watch your step. Dizem que é porque uma vez um sujeito ganhou uma indenização enorme quando levou um tombo num restaurante por causa de um degrau que ele não viu nem ninguém avisou. Não sei; aquilo me soou como se o nobre povo norte-americano me achasse um tonto, a me recomendar a todo instante que eu visse onde punha o pé. Ah, pelos meus cabelos brancos! Desde que iniciei minhas caminhadas em Cachoeiro de Itapemirim já pisei tanta vez em falso e já dei tanta topada e tanto tropezon físico e sentimental por este mundo que é, na verdade, um pouco tarde, fellows, para me dizer watch your step. Sem nenhuma suficiência, mas com a humildade das pessoas que aprenderam apanhando, em posso agradecer e responder como Noel Rosa: «sei onde piso...».